A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NA LÍNGUA BALANTA

24 - 14h00 - Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Cleonice Candida GOMES (UCB / PG-UnB)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir a representação do sujeito na língua Balanta. A língua Balanta é uma língua do grupo Bak, que pertence à família (Oeste) Atlântica ou Senegalo-Guinea do Proto-Níger-Congo, sendo falada entre Casamansa, sul do Senegal, e o rio Geba, norte de Guiné-Bissau. O presente trabalho tem como ponto de partida as seguintes observações feitas por N'Diaye-Correard (1970): (i) a marca de concordância no verbo em Balanta é obrigatória quando o sujeito não figura na proposição; (ii) é facultativa quando o sujeito está expresso na proposição ou quando ocorre um pronome ou um anafórico, ou outros pronomes antes do verbo; (iii) com o sujeito na sentença, se houver marca de concordância no verbo, o sujeito recebe destaque na proposição. Esses fatos podem ser discutidos em termos do Parâmetro do Sujeito Nulo, formulado no âmbito da literatura Gerativa. A correlação entre a presença das marcas de pessoa no verbo e a realização fonológica do sujeito assume características interessantes no Balanta, particularmente no que se refere aos processos que dão relevo ao sujeito, bem como à ocorrência de um padrão misto na língua, a saber: se o verbo apresenta paradigma flexional, o sujeito pode ser nulo; se o verbo não apresenta marcas de concordância, o sujeito deve ter realização fonológica. Pretende-se, portanto, buscar uma explicação adequada para a representação do sujeito na língua Balanta e contribuir para a caracterização da Faculdade de Linguagem que compreende os aspectos universais da linguagem (Princípios) e atenta para a variação entre línguas (Parâmetros).

UMA ANÁLISE DE SUJEITOS GENÉRICOS NULOS DE 3ª PESSOA DO SINGULAR EM SENTENÇAS FINITAS RAÍZES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

24 – 14h30 – Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Alberto GONÇALVES (PG - UFSC)

São analisadas construções impessoais/genéricas de 3ª pessoa do singular em sentenças finitas raízes declarativas sem *se* no português brasileiro, como mostra (1):
(1) Nos dias de hoje, não usa mais saia. (Galves 1987)
Parte-se da hipótese de que essas construções se originaram a partir daquelas com *se* indeterminador (cf. Nunes 1990). Mais do que isso, é sugerido que tais estruturas são somente possíveis em contextos cuja interpretação é *quasi*-universal e nunca *quasi*-existencial (no sentido utilizado em Cinque 1988 e Raposo & Uriagereka 1995), apresentando, portanto, restrições de uso relacionadas com o aspecto verbal, estrutura temática do verbo e restrição de escopo sobre o sujeito (cf. Cardinaletti & Starke 1994).

OBSERVAÇÕES SOBRE AS FORMAS DO COMPLEMENTO VERBAL NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

24 – 15h00 – Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Sônia Maria Lazzarini CYRINO (UEL)
Ana Maria Zys BENVENUTTI (PG -UEL)

Muitos trabalhos em gramática gerativa têm privilegiado o estudo dos pronomes clíticos em relação à sintaxe da colocação e, também, ao seu desaparecimento no português brasileiro (PB). Este trabalho tem como objetivo observar, não só a ocorrência de clíticos em posição de complemento verbal, como também a realização de novas formas como o pronome lexical, o objeto nulo e as formas tônicas (para mim, para você, etc), em dados extraídos de peças teatrais dos séculos XVI a XX. Os resultados obtidos na amostra de 120 sentenças analisadas nesta pesquisa vêm confirmar ou de certo modo, reafirmar aquilo que outros estudos já demonstraram: as mudanças por que passa a língua portuguesa são evidenciadas em muitos dos aspectos investigados: há uma diminuição na ocorrência de clíticos de 3ª pessoa e o crescente uso de novas formas. A necessidade de se constatar, com segurança, os fatores que envolvem essas mudanças continua a incentivar as pesquisas em torno da história externa e interna do sistema lingüístico, na tentativa de registrar os momentos que caracterizam o surgimento de novos sistemas lingüísticos produzidos pelos falantes. Os primeiros resultados já mostram que o fator relevante para a realização do complemento verbal é a transitividade verbal. Este é um estudo preliminar, que pretende contribuir para uma visão mais detalhada da história do PB.

AS CONSTRUÇÕES DE SE COM INFINITIVO EM PB

24 – 15h30 – Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Silvia Regina de Oliveira CAVALCANTE (PG – UNICAMP)

As construções de *se* com infinitivo nas línguas românicas diferem quanto a sua natureza sintática. Em Português, aparentemente, esse clítico pode ser licenciado em diferentes construções sintáticas dada a particularidade de ser uma língua de infinitivo flexionado. Em línguas como o Italiano ou o Espanhol, por exemplo, esse clítico não é licenciado com infinitivo a não ser que esteja numa posição que possa receber Caso Nominativo, como demonstram alguns trabalhos dentro da Teoria de Princípios e Parâmetros na sua versão conhecida como Government and Bindinig. Quando comparamos PB com PE verificamos que, apesar do infinitivo flexionado, há diferenças na aceitação das construções com *se* no infinitivo, isto é, enunciados aparentemente com a mesma estrutura sintática seriam permitidos em PE mas não em PB, o que nos faz acreditar que a estruturação das sentenças em PE e PB seja de natureza diferente. Por causa dessa diferença, acreditamos também que em determinados contextos em PB o clítico seria inserido para desambigüizar a interpretação da posição de sujeito nulo, como em:

(1) O João é difícil de pagar
(2) O João é difícil de se pagar.

Pretendemos neste trabalho apresentar os contextos sintáticos em que o *se* seria licenciado em PB tendo como pano de fundo dois fatores: (1) que enunciados são aceitáveis e (2) em que estruturas ele é licenciado.

Este trabalho insere-se na minha pesquisa de Doutorado em Lingüística na Unicamp sob a orientação da Professora Charlotte Galves com bolsa da FAPESP.

WH DESCOLCADO EM WH IN SITU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E PORTUGUÊS EUROPEU

24 – 16h00 – Térreo - Bloco 06 - Sala 21

Carlos MIOTO (UFSC)

As construções interrogativas WH do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB) apresentam padrões que são idênticos e outros que são diferentes. A identidade se observa nas interrogativas clivadas e na possibilidade de manter a expressão WH *in situ*:

(1) a. A Maria comprou o quê?

b. O que é que a Maria comprou?

As diferenças são observadas em (2):

(2) a. O que comprou a Maria? (PE)

b. O que a Maria comprou? (PB)

c. O que que a Maria comprou? (PB)

Com as expressões Wh leves como *o que* é obrigatório no PE a inversão verbo-sujeito, o que não se verifica no PB. Por outro lado, as interrogativas que apresentam expressões WH leves e ordem sujeito-verbo e expressões WH seguidas do complementizador *que* são exclusivas do PB. O objetivo deste trabalho é propor uma análise para estes fenômenos mostrando que num nível abstrato PE e PB se comportam de modo semelhante: as duas línguas tendem a lexicalizar o C nas interrogativas matrizes. O que varia são as estratégias para o processo de lexicalização: o PE movimenta I para C e o PB, que não dispõe do movimento de I para C, insere um complementizador. O corolário desta afirmação é que as interrogativas clivadas, apesar de parecerem idênticas, têm estruturas subjacentes diferentes: no PE a cópula está em C, mas não no PB.

ESTRUTURA MORFOSSINTÁTICA E ARGUMENTAL DAS ORAÇÕES CONSTRUÍDAS A PARTIR DE UM VERBO DE MOVIMENTO

24 – 14h00 – Térreo - Bloco 06 - Sala 22

Sebastião Expedito IGNÁCIO (UNESP)

O estudo que aqui se apresenta tem por objetivo descrever as estruturas oracionais construídas a partir dos tradicionais **verbos de movimento**, ou seja, aqueles que indicam uma movimentação no espaço do sujeito do enunciado e/ou do objeto direto. Tais verbos, que têm como protótipos IR/VIR, constituem uma subclasse dos verbos **dinâmicos** e serão estudados em todas as ocorrências que envolvam um **movimento**, considerando-se direção e sentido com base no ponto de referência relativo ao sujeito do enunciado ou ao observador-narrador. Dessa forma, incluir-se-ão também os prototípicos SUBIR/DESCER. A pesquisa, que tem como referencial teórico a Gramática Funcional, Gramática de Valências e Gramática de Casos, visa à descrição das estruturas preferenciais da língua escrita contemporânea do Brasil no que se refere às unidades lingüísticas escolhidas, sem perder de vista as relações das estruturas oracionais com a tipologia dos textos em que se inserem (romanescos, dramáticos, jornalísticos, técnicos e de oratória), produzidos no Brasil nos últimos cinqüenta anos. Procurar-se-á, por outro lado, investigar alguns vestígios da sintaxe do português antigo (condenada pela gramática escolarvigente) em construções contemporâneas com certos verbos de movimento.

Pretende-se, com isso, fornecer subsídios para uma gramática pedagógica que se aproxime mais da realidade da língua escrita contemporânea.

ANÁLISE DO PREENCHIMENTO DO SUJEITO DE TERCEIRA PESSOA EM NARRATIVAS ORAIS E ESCRITAS DE ESTUDANTES NATIVOS E NÃO-NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

24 – 14h30 – Térreo - Bloco 06 - Sala 22

Karin GUTZ (PG-USP/bolsista FAPESP)

Neste estudo se procurou fazer um levantamento do preenchimento pronominal do sujeito de terceira pessoa no português brasileiro em narrativas orais e escritas de estudantes do ensino fundamental e médio. Também são comparadas as produções de falantes nativos àquelas de falantes não-nativos (alemães que têm o português como segunda língua). Para a realização deste trabalho, 14 alunos (7 nativos e 7 não-nativos) assistiram a um vídeo e narraram a estória do filme oralmente e por escrito. A observação do material mostra que o preenchimento pronominal é a opção mais utilizada nos quatro grupos: não-nativos escrito (100%) > não-nativos oral (83%) > nativos oral (81%) > nativos escrito (59%). Quanto aos falantes não-nativos, a obrigatoriedade do preenchimento do sujeito no alemão, língua materna dos informantes, parece estar influenciando sua utilização no português como língua estrangeira. Em relação aos falantes nativos os altos índices de preenchimento na oralidade, bem como os valores significativos verificados na escrita, parecem confirmar a hipótese levantada por Duarte (1993, 2000) de que o português do Brasil estaria alterando o seu sistema lingüístico de uma marcação positiva para uma marcação negativa do parâmetro *pro-drop*. Por fim, foi elaborada uma nova possibilidade de análise, levando-se em conta que na terceira pessoa o sujeito nulo não corresponde diretamente ao pronome nulo. Se assim se considerar, estará se ignorando a existência da possibilidade do preenchimento nominal. A reanálise do *corpus*, considerando portanto o sujeito nulo como a possibilidade de apagamento tanto do pronome como de uma referência nominal, sugere que as verdadeiras porcentagens de sujeitos preenchidos na terceira pessoa são mais semelhantes do que se imaginava àquelas verificadas para as primeira e segunda pessoas.

ESTUDO SEMÂNTICO DA CONSTRUÇÃO VERBO+ADVÉRBIO DE LUGAR NO PORTUGUÊS

24 – 15h00 – Térreo - Bloco 06 - Sala 22

Mário Eduardo VIARO (USP)

É bastante conhecida a estrutura dos *phrasal verbs* do inglês, em que um verbo se associa a um advérbio de lugar e gera, assim, uma combinação, a qual adquire significado distinto das partes que a compõem. Também o alemão tem os chamados *trennbare Verben,* cujo comportamento é semelhante. Assim, nas duas línguas para a idéia de "desistir" surge, por exemplo, construções como *to give up* ou *aufgeben* respectivamente, que remontam a uma estrutura 'dar+para cima'. No caso do português, tal construção parece ser bastante freqüente, embora esteja longe de constituir uma classe uniforme de verbos. Também a relação semântica entre significado do todo e das partes é bem mais visível no português do que em muitos casos das línguas germânicas. Busca-se fazer uma classificação dessas construções, pautando-se na sua forma: por exemplo, ao lado de construções com verbo+advérbio (*jogar fora*), existem outras com verbo+locução adverbial (*botar pra fora, ficar por cima, estar por fora, passar pra trás*). Por outro lado, além das formas "intransitivas" há as que aparecem com coocorrência de um complemento do advérbio ou da locução adverbial (*passar por cima de alguém, estar por trás de algo*) e as que sempre aparecem com algum objeto direto específico ou não (*passar alguém pra trás, tirar o corpo fora, pôr uma pedra em cima*). Também se indaga quais verbos e quais advérbios participam desse tipo de construção e se há,segundo os dados e o modelo funcionalista de SVOROU (1993),

algum índice que aponte para uma universalidade nas passagens semânticas, vistas do ponto de vista diacrônico.

UM ESTUDO FUNCIONAL DA ORAÇÃO SUBORDINADA INTRODUZIDA POR *QUANDO*

24 – 15h30 – Térreo - Bloco 06 - Sala 22

Ana Cristina CARMELINO (PG – UNESP)

O objetivo do presente trabalho é estudar as orações subordinadas adverbiais temporais do português, quando unidas pelo conjunção *QUANDO,* segundo o modelo da teoria da enunciação de Culioli (1990), a qual consiste em uma prática que opera sobre a linguagem, procurando estabelecer os elementos básicos de construção de sentido do enunciado. Pretende-se, pois, identificar as noções semânticas e as marcas léxico gramaticais que se instauram na construção lingüística cuja expressão de tempo compreende dois argumentos. Conforme se entende, a expressão de tempo torna-se muito mais complexa quando os dois argumentos são envolvidos pela conjunção subordinativa adverbial *QUANDO*, como é exatamente o caso das construções com uma oração principal e uma subordinada temporal. Por ser a mais geral das partículas, exprimindo de "maneira mais ou menos vaga a ocasião em que se passa um fato" (Lima, 1978), e pela natureza do complexo temporal que se estabelece em dependência do tempo verbal, do valor aspectual e do valor modal em cada um dos argumentos, entende-se que o conectivo *QUANDO* pode estabelecer entre tais argumentos relações do tipo lógico-semântico (Neves, 1999). Desse modo, por meio da análise da relação inter-léxis (relação temporal que se estabelece entre os dois argumentos), das marcas léxico-gramaticais, da marca aspectual estabilizada no enunciado e da posição que os argumentos ocupam no enunciado, procurar-se-á recuperar as operações responsáveis que geram a construção lingüística constituída de **x** (léxis/oração principal) + **r** (relação *QUANDO*) + **y** (léxis/oração subordinada). O trabalho tem como base o *corpus* que serviu à elaboração do *Dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil* (DUP). Desenvolvido pelo Centro Lexicográfico do Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras (UNESP) de Araraquara, esse *corpus* contempla diversos tipos de literatura (romanesca, oratória, técnica e jornalística).

VALÊNCIA VERBAL

24 – 16h00 – Térreo - Bloco 06 - Sala 22

Sílvio Reinod COSTA (PG - UNESP Araraquara)

Este trabalho, que se encaixa na área de Sintaxe Funcional, apresenta algumas considerações sobre a Teoria da Valência. Trata, especificamente, da Valência Verbal. Ao longo dos séculos, diversas têm sido as teorias gramaticais propostas para a análise descritiva e contrastiva das línguas naturais. Uma destas teorias, que ficou conhecida nos meios lingüísticos como Gramática de Valências, tem demonstrado bastante eficácia na aplicação aos estudos sintáticos. Embora a Teoria da Valência remonte à Alemanha, só foi sistematizada na França por Lucien Tesnière. Em sua obra *"Éléments de Syntaxe Structurale"* (1959), na qual traça as bases desta teoria lingüística e as primeiras noções sobre "valência"; nesta obra, conceituam-se e exemplificam-se "actantes" e "circunstantes", elementos imprescindíveis na teoria, além de mostrar as diferenças entre eles. Tesnière reconhece três tipos de Actantes: A_1 (Sujeito) , A_2 (Objeto Direto) e A_3 (Objeto Indireto); os Circunstantes equivalem aos Adjuntos Adverbiais (da Gramática Normativa). Dentre os principais tipos de valência verbal destacam-se: a valência total e a valência parcial. O verbo pode apresentar variação valencial. Foi tratada, em especial, da valência verbal dos verbos de processo em língua portuguesa, verbos que indicam um "ACONTECER" ou um "EXPERIMENTAR" em relação ao sujeito e/ou que expressam, segundo BORBA (1996 : 58), *um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador."* Em princípio, os verbos de processo comportam "um argumento", entretanto, há casos em que eles podem comportar "dois ou três argumentos"; essa classe de verbos apresentam particularidades bastante

interessantes. Os dados do "corpus" foram colhidos no *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo*, (1990), coordenado por BORBA, e de algumas edições da *Veja* (2000). Atualmente, vários lingüistas têm se preocupado com questões valênciais; destacam-se os trabalhos de HEGER, HELBIG & SCHENKEL (Alemanha), VILELA (Portugal), BORBA, IGNÁCIO e NEVES (Brasil).

A LINGUAGEM ATRAVÉS DOS TEMPOS

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 23

Rodrigo ORDINE
Márcia B. BERG (G - FUNREI)

Segundo MARTINET, a Lingüística é o estudo da linguagem humana. Entretanto, torna-se necessário esclarecer o conceito de linguagem e, por conseguinte, o de língua, pois, em muitos manuais de Lingüística, esses termos são caracterizados por incoerências internas, isto é, autores de mesma corrente teórica designam linguagem de formas diferentes, e uma incoerência externa, onde língua e linguagem mantêm o mesmo conceito, como se vê em SAUSSURE no seu *Curso de Lingüística Geral*, que define língua como um sistema de signos e linguagem como um sistema de signos que serve à comunicação. Para tornar o estudo da Lingüística mais objetivo e organizado, tendo em vista os problemas levantados acima com relação à incoerência nas definições de língua e linguagem, estipulou-se, como finalidade deste trabalho, a necessidade de sistematizar tais conceitos. Portanto, analisou-se os termos citados com base nas correntes teóricas da Gramática Tradicional e Estruturalismo (que se caracterizam pelo descritivismo dos dados lingüísticos), além do Gerativismo e dos estudos da Psicolingüística (que são marcados por uma postura explicativa acerca dos fatos lingüísticos). Esta análise diacrônica servirá para que se possa entender o caminho percorrido pelos itens língua e linguagem, as ideologias que perpassam cada corrente teórica e sua implicações no estudo dos elementos lingüísticos. Dessa maneira, pretende-se, pela análise dessas correntes teóricas, esclarecer o campo lingüístico da conceituação dos termos supracitados, favorecendo um estudo coeso e coerente para alunos e professores de Lingüística.

MÍSTICA E PRIMORDIOS DOS SIGNOS

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 23

Luiz Augusto Teixeira RIBEIRO (UNESP)

De tempo em tempo, a história nos conta que existe uma renovação da vida. Com o período glacial, os meteoritos destruíram os dinossauros, que de alguma forma, habitaram a Terra juntos com os homens de Cro-magnon, e que, supostamente, deixaram as pinturas rupestres como comunicação nas paredes das cavernas. A história da comunicação, a partir daí, passou a correr em dois paralelos distintos: o primeiro, pelo lado dominante e complexo nas escrituras diluídas e fundamentadas em abstrações e no imaginário, em que o livro sagrado, escrito pelo homem de acordo com o desejo de Deus, imputou-nos uma série de obrigações e deveres, de medo e da ausência da luz; .o segundo, segue os traços naturais de nascer, crescer e morrer, um modelo materialista e científico, em que as imagens também fazem parte, mas com finalidades distintas do primerio paralelo. É o primeiro paralelo, que nos interesa mais, neste trabalho, como elemento de pesquisa.Ele produziu imagens e/ou desenhos representativos de nossa vida, com signos e ícones que determinam ao homem uma certa ordem de desenvolvimento. Há muito tempo, foram apresentados ao homem estátuas e imagens de deuses que chegaram a convencê-lo da existência de ter o poder, ao adorem essas representações. O homem, ao produzir o significado de Deus, o divino, estava impossiblitado para produzir uma imagem visual do mesmo.Consideramos a luz do sol, como primeiro elemento representativo, formando a relação de que o bem está na luz e o mal na escuridão. O homem, em seu desenvolvimento, percebeu a necessidade da adoração a elementos representativos que lhe tirariam o medo, dando-lhe forças, que lhe permitam enfrentar

as trevas da noite. Dessa forma, homem começou a produzir desenhos e ídolos para que fossem adorados, criando assim signos representativos.

LINGÜÍSTICA: ENTRE APOLO E DIONÍSIO

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 23

Maria Sílvia Cintra MARTINS (PG – UNESP)

Pretendemos apresentar uma reflexão a respeito do quefazer da Ciência de um ponto vista fenomenológico, em que não se buscam verdades inerentes aos Sujeitos, mas, em vez disso, empreende-se a descrição de uma realidade mista na qual a verdade surge enquanto relação intersubjetiva, heterogênea. O "Curso de Lingüística Geral", de Ferdinand de Saussure, comparece como espaço sui generis para essa reflexão, uma vez que certa filtragem própria do interlocutor encontra-se presente, de forma inusitada, dentro da obra. Estabelecendo múltiplas relações interdiscursivas, tentamos mostrar de que maneira o pensamento saussureano pode ser visto, pela ótica da epistemê contemporânea, no contato com as obras de Husserl, de Einstein, de Marx, de Mallarmé. Aprofundamos a relação Saussure-Husserl e mostramos que é possível apreender o pensamento saussureano de uma forma dinâmica, histórica, dialética, dionisíaca, diferentemente da leitura da Vulgata Saussureana, estruturante, apolínea, e, em parte, favorecida pelo próprio trabalho dos editores. Uma leitura do "Curso" através da ótica da Dialética vislumbrará um universo lingüístico dinâmico e em permanente transformação. Os elementos contrários que encontramos contribuem para essa mobilidade, para esse dinamismo. As oposições língua/fala, arbitrário/necessário, imutabilidade / mutabilidade, diferenças / distinções, significado/valor fazem parte desse universo dinâmico e constituem pólos entre os quais se movimenta o imenso "mecanismo da língua". Já a dupla sintagma/paradigma não forma exatamente pólos, pois não são propriamente elementos contrários, mas são como que "peças" necessárias para que esse mecanismo entre em funcionamento. São eixos. O mesmo se dá com a dualidade significante/significado, como partes integrantes do signo. Não há um movimento de vaivém entre essas partes constituintes da língua, mas são, de toda maneira, como tudo na língua, elementos dinâmicos, em contínua mobilidade e transformação.

LEITURA DE UM MANUSCRITO DE FERDINAND DE SAUSSURE

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 23

Eliane Mara SILVEIRA (PG-UNICAMP)

Delimitar o objeto da Lingüística para vir a constituir um saber sobre ele, tal foi o objetivo fundamental da produção de Ferdinand de Saussure, lingüista genebrino (1857-1913), conhecido por um livro póstumo, intitulado **Curso de Lingüística Geral**. Esse livro, cuja primeira edição data de 1916, foi organizado por seus alunos Sechehaye e Bally a partir de manuscritos do mestre e de anotações suas e de outros alunos. Muito depois disso, Starobinski (1971) deu a público parte dos manuscritos de Saussure sobre os anagramas, por ele organizados e comentados. O mesmo tem sido feito mais recentemente por Herman Parret relativamente aos chamados manuscritos de Harvard. O cerne deste trabalho consiste em tentar reconstituir o movimento de Saussure no sentido de estabelecer uma teoria e/ou uma metodologia que permitisse saber sobre o funcionamento autônomo da língua. Para tanto procurarei me deter no movimento de constituição do objeto pelo lingüista e não em seu produto final. Saussure, realmente, parece mover-se sempre em direção a esse objeto, tendendo mesmo a desviar-se de finalizações; parece mais voltado a produzir significações que a delas extrair conclusões. Foi essa posição que me levou a elegê-lo como tema de meu trabalho. Por isso mesmo, escolhi ler um de seus manuscritos a partir de suas rasuras, hesitações, substituições, da supressão e adição de termos, tomados como indícios desse seu movimento em direção à Lingüística como ciência da língua. É a partir das inúmeras rasuras e adendos_e dos pontos de tensão por eles indiciados_

encontrados em um manuscrito de 1891, que faz parte das suas anotações para as três conferências introdutórias que ele proferiu quando voltou à Genebra, que me empenharei em atingir o objetivo proposto.

GRAMÁTICA E LINGÜÍSTICA PARA CRIANÇAS

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 23

Maria Otília Farto PEREIRA (PG-UNESP/CAPES)

Em pleno início do século XX, quando as crianças eram consideradas simples adultos em miniatura, sem o reconhecimento das peculiaridades próprias de sua faixa etária, Monteiro Lobato se arrisca a escrever para esse público marginalizado. Numa atitude interdisciplinar, resolve produzir livros de leitura, em que mescla ficção e realidade, para difundir o conhecimento e servir de instrumento didático nas escolas. Porém, para os preocupados com o ensino, o excepcional não está exatamente nessa característica, mas no modo como considerava e desenvolvia os temas relacionados aos problemas da linguagem humana, nessa produção. Sempre envolvidos por peripécias ajustadas ao gosto infantil, fatos como a distinção entre norma e uso, níveis de linguagem e variedades lingüísticas, na época desconhecidos ou desconsiderados, aguçavam a curiosidade do leitor e despertavam sua reflexão sobre a língua como algo mais abrangente do que se ensinava naquele tempo. Trata-se de fatos, é importante observar, que somente muito mais tarde mereceram o estatuto de objeto científico de pesquisa e passaram a ocupar a atenção dos lingüistas. Desse modo, nesta comunicação, examinaremos algumas passagens da obra infanto-juvenil de Lobato em que ocorrem fatos dessa natureza, procurando ressaltar, uma vez mais, o valor do trabalho realizado pelo importante escritor brasileiro.

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA COMO SEGUNDA LÍNGUA: ESTUDO EM DIÁRIO

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 24

Tarcísio de Arantes LEITE (G - USP)
Leland Emerson MCCLEARY (USP)

A pesquisa propunha uma aplicação da metodologia dos estudos em diário na análise dos processos de aquisição da Língua de Sinais Brasileira (LSB) como segunda língua. O método consistiu em transcrever em um diário o processo do aprendizado da LSB, registrando todo e qualquer evento que pudesse de alguma forma estar relacionado com esse aprendizado: aulas formais; meios informais de convívio com a comunidade Surda; leituras e fichamentos de textos pertinentes. Servindo de suporte para orientar esse processo, seguiu-se a metodologia específica de registro e análise dos dados nos estudos em diário, obtida através de livros e artigos publicados sobre o assunto. O objetivo do projeto constitui-se, principalmente, em trazer informações relevantes sobre a aquisição da LSB por um adulto ouvinte, com o intuito de beneficiar tanto professores (na criação de uma metodologia mais elaborada para o ensino da LSB), como estudantes ouvintes de LSB, inclusive pais de surdos (na identificação de fatores que possam dificultar ou facilitar seu aprendizado). Na análise dos resultados, encontraram-se fatores de ordem diversa, alguns freqüentemente identificados no estudo de diversas outras línguas orais; outros, entretanto, diretamente relacionados com a situação específica do ensino e aprendizado da LSB.

A CO-CONSTRUÇÃO DE ENQUADRES INTERACIONAIS EM UM CONTEXTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LINGUAGEM BRASILEIRA DE SINAIS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (LIBRASLE)

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 24

Audrei GESSER (Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas - PR)

Este estudo apresenta uma descrição microetnográfica da interação da sala de aula ocorrida naturalmente em um ambiente onde professor surdo (sinalizador nativo) e seus alunos ouvintes e não ouvintes se encontram para ensinar e aprender LIBRASLE. Com base em métodos etnográficos (Agar, 1980; Erickson & Shultz, 1981; Erickson, 1992), e seguindo a perspectiva da Sociolingüística Interacional, que analisa a linguagem em seu contexto social (Gumperz, 1982, 1986), descreve-se como os participantes "co-constroem" as suas ações. No estudo, portanto, três *enquadres* (*frames*) são identificados: informal, paralelo e marginal. Tais enquadres estão relacionados aos tipos de *estrutura de participação* que os participantes estabelecem e aos *alinhamentos* que eles assumem na interação. Finalmente, a análise mostra que os participantes dedicam um tempo considerável na interação para constituir tanto "o encontro social" quanto "o objeto LIBRAS" antes de atingir seus objetivos de ensinar e aprender a língua alvo.

AS CONDIÇOES DE PRODUÇAO DOS LAUDOS PERICIAIS DE INDIVÍDUOS COM SUSPEIÇAO DE INSANIDADE MENTAL

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 24

Olimpia MALUF-SOUZA (PG-UNICAMP)

Tomando como corpus o laudo de comprovação de higidez mental elaborado com base em um fato relativamente recente de homicídio em série no país, o presente estudo visa a analisar as condições de produção do referido laudo. O referencial teórico adotado é o da Análise do Discurso da Escola Francesa. Verificar as condições de produção dos laudos periciais implica dar visibilidade à posição sujeito perito, ou seja, suas inscrições discursivas enquanto sujeito intérprete, interpelado pela ideologia na história. Dessa forma o que mostramos com esse estudo é o espaço de movência do sujeito perito na confluência dos discursos médico e jurídico. Essa posição sujeito perito será constantemente confrontada com as posições dos teóricos da psiquiatria e da psicologia, cujos pareceres, juntamente com o dos peritos (Psiquiatria Forense), são decisórios no diagnóstico final do periciando. Em síntese, a visibilidade das formas-sujeito e das formas de assujeitamento se dará no texto (laudo) enquanto materialidade discursiva.

HIV/AIDS:PRECONCEITO

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 24

Nílton MILANEZ (PG – UNESP/Araraquara)

O objetivo deste trabalho é examinar a manifestação do preconceito em relação ao HIV/AIDS e sua reprodução discursiva na imprensa escrita. Nesse sentido, o objetivo principal é analisar as estruturas e conteúdos ideológicos em manchetes de jornal, onde, lingüisticamente, pode-se detectar valores e ideologias específicos. Também, através da análise do discurso de macroestruturas, observo como o preconceito é cognitivamente veiculado, monitorando 'scripts' e gerando 'modelos' durante a interação social dentro da comunidade. É, portanto, na relação entre língua e ideologia, objeto próprio do discurso que se observa e analisa tanto

os efeitos da língua na história quanto os efeitos da história na língua, responsável pela produção dos sentidos na constituição do sujeito. Nessa linha, o discurso jornalístico é essencialmente a língua em uso para reconstrução de uma realidade social e culturalmente determinada por uma hierarquia de valores, que propaga as ideologias dominantes. Concluindo, relaciono as estruturas internas da língua à fatores sociais/históricos, marcadamente ideológicos pelo fato de constituirem um fenômeno mental e social, visando a preservação e reprodução de poder, a fim de defender ou legitimar seu discurso e entender o mundo de uma posição social específica.

INFLUÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 24

Luciana Pereira da SILVA (UEL, CEFET-PR/UNED-CP)
Joyce Elaine de ALMEIDA (UEL, UNESP/Araraquara)
Maria Beatriz PACCA (UEL),
Martha Augusta GONÇALVES (UEL, UNESP/Assis)

O mundo acadêmico apoia-se num tripé formado pela pesquisa, ensino e extensão, alicerces que diversificam a construção do conhecimento e geram uma transformação social, objetivo maior da educação como um todo e na qual se incluem as Instituições de Ensino Superior. Tais alicerces, para manter a estrutura segura e coesa, devem formar um conjunto harmonioso em que um esteio não pode prescindir do outro. Os projetos de extensão, por exemplo, implicam conhecimento de um arcabouço teórico que ampara o ensino, conduzindo à prática, a partir das atividades desenvolvidas por alunos, enquanto estagiários. Assim funciona o Projeto de Extensão **PROLE: a redação como um produto de leitura**, vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina que, desde 1989, vem desenvolvendo seus trabalhos direcionados à prática da produção textual aliada à leitura. Durante esses doze anos de atuação, passou por alterações a fim de levar aos alunos do Ensino Médio as novas propostas na área. Para isso, contou com o trabalho de alunos do curso de Graduação em Letras da UEL que atuaram como estagiários no projeto. Descrever a trajetória dos ex-participantes do **PROLE** é o objetivo desta comunicação. A partir de uma pesquisa na busca desses ex-estagiários e de um questionário a ser respondido por eles, é possível traçar o perfil do profissional, conhecer a influência que o Projeto teve na sua relação com a prática, além do direcionamento em seu futuro como educador.

SOBRE OS LUGARES DE ENUNCIAÇÃO COLETIVA E O DIZER PROVERBIAL

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 25

Mônica Oliveira SANTOS (PG-UNICAMP)

Ao longo da história humana, no processo de produção e reprodução ideológica, os valores e verdades sociais são instituídos, reforçados, destituídos e substituídos silenciosa e sutilmente ou mesmo de maneira brutal. Nesse turbilhão, as imagens, preconcepções, estereótipos e clichês tomam espaços e vozes que ganham peso na máquina da "homogeneização" ideológica que domina os campos da política, história, religião, ética, moral e cultura humanas. Os mecanismos de divulgação desses valores ideológicos estão entremeados, articuladamente entre os sujeitos que deles se fazem porta-vozes: políticos, juristas, historiadores, pais, professores, religiosos, médicos etc. Lugares de enunciação como a piada, o chiste, a saga, a fábula, o caso, o provérbio, entre outros, são propícios para o processo de reprodução ideológica em que os valores são reproduzidos por uma voz coletiva, autorizada e reconhecida, e os sujeitos da

enunciação estão divididos entre um dizer (e um fazer sentido) individual e coletivo. Nesse trabalho, chamaremos a atenção para a enunciação coletiva, mais especificamente no que se refere ao gênero proverbial. Pois, como sabemos, o Provérbio ou Ditado popular é um gênero que tem por principal característica a de pertencer ao "senso comum", tornando-se facilmente reconhecível como "aquilo que todo mundo diz", que "é do conhecimento de todos". Além de ser também caracterizado por uma faceta didática e moralizante que tende ao autoritarismo (do sujeito) e à autorização (do discurso). Nosso objetivo é refletir sobre os lugares de enunciação coletiva, a partir de conceitos como os de autoria, sujeito, sentido e enunciação, e sobre o sentido produzido pelo sujeito enunciador que incorpora em seu discurso uma enunciação coletiva e que (des)ocupa a posição de responsável pelo sentido de um discurso em que "aparece" o gênero proverbial.

ESPAÇO ENUNCIATIVO E LÉXICO INDÍGENA: A DIVERSIDADE NEGOCIADA

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 25

Maria Aparecida HONÓRIO (UFSCar)

Inserindo-se no âmbito da pesquisa recém-doutor denominada "Espaço Enunciativo no Contexto Multilingüe Brasileiro" em seu diálogo com o Projeto "História das Idéias Lingüísticas no Brasil", este trabalho tem por objetivo explicitar a constituição do léxico indígena no espaço de contato lingüístico com o português. Procurando compreender os deslocamentos de sentidos produzidos sobre o léxico, analisamos os processos enunciativos de designação, partindo de uma perspectiva histórica para compreender a questão. O *corpus* analisado corresponde a textos produzidos por professores indígenas bilingües (falantes do português e da língua Satere-Mawe, do Tronco Tupi) presentes no livro *Seres vivos - Nossos peixes e Pequenos Animais*. Este material foi produzido no contexto do Projeto *Pira-Yawara/Programa de Capacitação de Professores Indígenas Satere-Mawe*, nível de Ensino Fundamental. Focalizamos, a partir dos resultados desta análise, o processo de construção da escrita pelos professores indígenas como um modo de construção de um novo espaço enunciativo. Algumas de nossas conclusões já apontam para o aparecimento de outras leituras do Brasil, construídas da perspectiva indígena, pelos modos de significação do léxico nos textos em português. Estes gestos de interpretação sobre o léxico configuram-se, da perspectiva que tratamos a questão, como um lugar possível de reorganização do espaço enunciativo indígena.

ARGUMENTAÇÃO E ESPAÇOS DE ENUNCIAÇÃO: O DOMÍNIO DO POLÍTICO NO DISCURSO DA ADMINISTRAÇÃO

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 25

Soeli M. Schreiber da SILVA (UFSCar)

Na perspectiva teórica da Semântica Histórica da Enunciação, trato da argumentação no espaço de enunciação como regulado e disputado desigualmente. Nesse sentido a designação passa a se dar no domínio do político. Apoiando-me nessa posição, com base em Guimarães (1999), analiso o "como se" no discurso da administração. Embora prevaleça o discurso homogêneo, a argumentação dá-se no espaço de enunciação por uma normatividade que divide a vida social e produz exclusões. Alguns resultados da análise da enunciação *O bolsista- atividade faz os trabalhos administrativos como se fosse o funcionário* revelam que o fundamento para preencher a relação *A como se B* não interpreta-se pela norma para instalar a designação bolsista-atividade. Designar bolsista-atividade como funcionário significa que B determina A. A designação de A dá-se pela posição do sujeito que considera o bolsista um substituto para o funcionário, apagando-se a designação de bolsista-atividade pela relação com a norma. Na afirmação de pertencimento põe-se a contradição da norma: por mais que a posição do colega do aluno afirme que o "bolsista-atividade" deve estudar,

a contradição da norma e do funcionamento do político substituem o funcionário pelo bolsista, prevalecendo o discurso homogêneo. .

MOVIMENTOS SEMÂNTICOS DE CENAS COMITATIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 25

Suzana ROCHA (PG-UFSC/UNISUL)
Apóstolo NICOLACÓPULOS (UFSC)

O presente trabalho aborda a emergência de cenas comitativas no âmbito da linguagem jornalística, articulando pressupostos teórico-metodológicos que viabilizam a análise das dimensões semântico-pragmáticas de enunciados de textos jornalísticos que subsumam a perspectivização de *cenas comitativas*, tanto no âmbito de efeito de sentido primeiro (básico) quanto na expressão de sentidos metafóricos, isto é, daqueles que resultam de movimentos semânticos empreendidos em direção ao campo semântico *comitativo*. O trabalho assenta-se sob o modelo casual não localista da UFSC (Nicolacópulos, 1992, Nicolacópulos et alii ,1997), visto que o mesmo abriga a análise das dimensões pragmático-discursivas, favorecendo a interpretação em âmbito contextual, e, em especial, dos movimentos semânticos empreendidos que se apresentam como configurações metafóricas. Tenta-se evidenciar, no trabalho, os predicadores, sínteses enunciativas de micro-cenas e cenas de textos jornalísticos que (i) nascem em seu sentido básico *comitativo*, (ii) quais se deslocam em direção a outros campos semânticos, e (iii) quais realizam movimentos semânticos de outros campos em direção ao campo semântico *comitativo*. O corpus está composto por enunciados jornalísticos que se configuram como exemplário da língua em *uso*, recolhidos junto à Folha de S. Paulo (SP), durante o ano de 2000, tendo como campo de enunciação o contexto político, econômico e policial.

A DESIGNAÇÃO CAMELÔS EM CÁCERES: OS SENTIDOS NAS RELAÇÕES COMERCIAIS NA FORNTEIRA BRASIL/BOLÍVIA

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 25

Belia Fantiana Bonini Pinto de ARRUDA (UNEMAT)

Este trabalho tem como objetivo estudar a designação *camelôs brasileiros* e *camelôs bolivianos* na cidade de Cáceres. Primeiramente gostaria de chamar a atenção para a atividade da economia informal na cidade de Cáceres, mais especificamente a ligada aos comerciantes chamados camelôs. Observamos nesta cidade um fato curioso e muito interessante, pois além dos camelôs brasileiros também existem camelôs bolivianos comercializando lado a lado, aparentemente, sem nenhum conflito. Digo aparentemente já que por meio de entrevistas feitas com comerciantes formais, camelôs brasileiros e camelôs bolivianos, (que constituíram o corpus da pesquisa), encontrei elementos que me proporcionaram delimitar os recortes para as análises semântico-enunciativas. Estes recortes me permitiram discutir a questão da designação de camelôs brasileiros e camelôs bolivianos. Na perspectiva da Semântica Histórica da Enunciação, Guimarães (1995), encontrei os conceitos teóricos e descritivos que me permitiram mostrar nas análises como estes conflitos se dão no acontecimento enunciativo. Pelas análises também aparece como a designação *camelô* funciona na enunciação a partir das diferentes relações, sejam elas sociais, econômicas ou jurídicas. E a partir deste estudo poder explicar a posição e o lugar social do camelô brasileiro e do camelô boliviano que trabalham numa economia informal, e que em alguns momentos são enunciados de uma posição de legalidade e em outros da posição de ilegalidade.

A POSIÇÃO DO CONECTOR *PORTANTO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 27

Erotilde Goreti PEZATTI (UNESP-SJ Rio Preto)

Estudos anteriores (cf. Pezatti, 1998) revelaram que o conector *portanto*, diferentemente do prototípico *logo*, pode ser deslocado para várias partes da oração que introduz, confirmando assim a natureza adverbial que ainda manifesta, conforme se pode observar em (01).

(01) *sabemos por exemplo... que aos sindicatos não é permiTIDO :::o chamado lucro são entidades não-lucrativas... entidades portanto... que não são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda... porque... são entidades sem fins lucrativos...* ***portanto*** *são/ têm* [portanto] *por obrigação* [portanto] *PRESTAR...* [portanto] *toda assistência devida... aos seus... sindicalizados.* [portanto].. (DID-RE-131:87)

Tal fato contraria a afirmação de Carone (1988) de que *portanto* já se petrificou como conjunção conclusiva, uma vez que uma das características de elementos já gramaticalizados como conjunções é ocupar uma posição fixa, a inicial na sentença que introduzem. Considerando, então, essa mobilidade de *portanto*, este estudo pretende verificar que funções assume esse operador nas variadas posições, ou, em termos dos princípios de ordenação de constituintes propostos por Dik (1989), que domínios esse operador interrompe e qual o princípio que está aí atuando. Para isso utiliza como *corpus* ocorrências faladas e escritas do português brasileiro e europeu, objetivando ainda verificar a unidade e a diversidade, no que diz respeito a esse aspecto, nessas duas variedades do português.

O USO DA FORMA *PORTANTO* NAS VARIEDADES EUROPÉIA E BRASILEIRA DO PORTUGUÊS ESCRITO

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 27

Norma Barbosa NOVAES (UNESP/ S.J. Rio Preto)

O trabalho teve como estímulo o projeto *Língua Portuguesa: unidade e diversidade no início do século XXI* (Projeto PEPB-2000), cujo objetivo principal é identificar e caracterizar as zonas de variação entre as realizações européia e brasileira da língua portuguesa escrita, nos planos semântico e sintático, procurando revelar em que medida essas duas variedades se aproximam ou se distanciam. Aqui limitar-se-à ao estudo do uso da forma *portanto* nas variedades em questão, propondo-se a contribuir para a caracterização dos diferentes valores semânticos que esse operador pode assumir no português contemporâneo. Foram utilizados dois *corpora*, um do português europeu e outro do português brasileiro, constituídos por textos escritos, retirados de jornais e revistas. O percurso seguido partiu da descrição do operador *portanto* que exerce a função de estabelecer a relação de conclusão, passando pela verificação do comportamento sintático-semântico, de acordo com alguns critérios que definem a conjunção prototípica. A partir das particularidades apresentadas por essa forma nos *corpora*, percebeu-se que esse elemento lingüístico parece estar perdendo suas restrições gramaticais, assumindo um caráter pragmático e interativo, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos gramaticais. Levanta-se ainda a hipótese de o falante ter percebido um esvaziamento semântico específico de *portanto*, o que o levou a considerá-la menos adequadas para estabelecer relação de conclusão.

A CONJUNÇÃO "E" NÃO ADITIVA

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 27

Antônio Carlos GOMES (PG –UNESP/Araraquara)

As gramáticas, de certa forma, tentam sistematizar os saberes acumulados para servir de apoio aos que trabalham com a língua. Todavia, elas nem sempre oferecem uma explicação adequada para se estabelecer uma correspondência coerente entre os postulados da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e as múltiplas possibilidades de uso. O objetivo principal desta comunicação é apresentar o resultado de um levantamento sobre o uso genérico da conjunção "e" para mostrar as matizes que esse conectivo assume na linguagem escrita dos alunos do Ensino Médio em relação à Gramática Normativa. A Gramática apresenta a conjunção "e" como um conectivo de palavras ou orações que estabelece a relação aditiva e, assim, é ensinado para os alunos na Escola. Porém o comportamento dos alunos, enquanto sujeito enunciadores, não é de empregador dessa conjunção apenas com esse sentido restrito. Segundo Moura Neves (2000) o conector "e" possui um caráter mais neutro que os outros conectores. Camacho (1999) afirma que o "e" é um operador prototípico da coordenação e que no nível da conjunção de orações atua como o modo não marcado de conexão na organização textual e tem uma espécie de função coringa. Por isso, foi possível identificar outros sentidos não aditivos nos contextos em que o "e" aparece empregado pelos alunos. Os dados tiveram como *corpus* as redações escolares de alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo – CEFET-ES.

A JUNÇÃO CONTRASTIVA NO PORTUGUÊS FALADO CULTO

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 27

Cíntia Bartolomeu GARCIA (PG – UNESP – S J do Rio Preto)

O estudo tem por finalidade determinar os fatores, gramaticais e pragmáticos que condicionam o uso do conector adversativo ou concessivo na construção do discurso. A Gramática Tradicional separa as conjunções que indicam a relação de contraste ou oposição em conjunções coordenativas adversativas e conjunções subordinativas concessivas, Mateus *et aliii* (1989) as agrupa na contrajunção ou junção constrastiva. Segundo Mateus as orações concessivas entram em construções que exprimem a contrajunção e "cuja asserção é regulada pela modalidade do factual, do hipotético ou do contrafactual"(p.306). Observa-se que as orações adversativas são reguladas pela modalidade factual. A junção contrastiva pode "expressar, também, a não satisfação de condições (necessárias, prováveis ou possíveis) para que uma dada situação tenha lugar" (Mateus *et alii*, 1989). Neves (1996) mostra que as concessivas têm relação não apenas com as adversativas, mas com as causais e condicionais, todas elas expressivas de uma conexão "causal" *latu sensu* entendida, e explicáveis em dependência de satisfação/ não-satisfação de necessidade/ de suficiência de determinadas condições. O estudo está sendo feito de acordo com a perspectiva funcional da linguagem que parte do princípio de que a linguagem se define essencialmente, como "um instrumento de interação social empregado por seres humanos com o fim primário de estabelecer relações de comunicações entre interlocutores reais"(Pezatti, 1994). As expressões lingüísticas usadas nesta atividade são também sistemáticas e estruturadas, sendo assim, é interessante verificar o uso que os falantes fazem dos conectores da contrajunção, observando não apenas as regras sintático-semânticas, mas também as pragmáticas. Serão analisados 15 inquéritos que compõem o *corpus* mínimo, produzidos nas cinco cidades pesquisadas pelo Projeto da Norma Urbana Culta (NURC).

A OPOSIÇÃO DE IMAGENS NAS ADIVINHAS: ANÁLISE DO CONECTIVO "MAS"

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 05 - Sala 27

Daniela MARINI-IWAMOTO (PG – UNICAMP)

Este trabalho apresenta uma análise do conectivo argumentativo "mas" (e, em alguns casos, do conectivo "e" sendo utilizado com a mesma função de "mas") em contexto de uso específico: nas chamadas adivinhas ou adivinhações - jogos verbais que apresentam uma "descrição" de um objeto, o qual deve ser adivinhado. Segundo autores como Abrahams (1968), as adivinhas "surpreendem", geram o "engano" ou criam a "confusão" naqueles que se propõe à resolvê-la segundo quatro técnicas, e uma delas versa sobre a oposição que o conectivo causaria. Segundo o autor, na oposição, "o **referente** é **danificado** pois as partes componentes da imagem ("Gestalt") apresentada não se harmonizam". Oculta por detrás desta visão encontra-se a hipótese de uma linguagem referencial. A palavra "danificado" traduz a idéia de que a técnica de oposição "danifica" o "referente correto" da solução do jogo por permitir a possibilidade da existência de um outro "referente". O autor parece pressupor ainda a existência de um sentido literal "puro" que deva predominar sobre os "desvios" de sua significação, ao deixar implícita a hipótese de que há um "único "referente" possível" para uma certa "imagem" fornecida pela descrição do jogo. Para propor um outro tipo de análise do fenômeno, recorreremos à Ducrot e sua Teoria de Argumentação na Língua (ANL) que prevê uma contra-orientação argumentativa em frases que contém o conectivo "mas". Desse modo, pretendemos mostrar que o "referente" do jogo é construído discursivamente.

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: SENTIDOS NA HISTÓRIA

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 31

Cristina Carneiro RODRIGUES (UNESP)

Observa-se, na literatura contemporânea sobre tradução, que os teóricos tendem a associar a adaptação e a imitação à liberdade tomada com os textos e relacionar a tradução ao respeito aos textos originais, à fidelidade à sua forma ou ao seu conteúdo, dependendo da abordagem. Nota-se, entretanto, que, ainda que alguns teóricos enfatizem a natureza interpretativa dos dois processos, a adaptação e a imitação são considerados processos criativos, relacionados a questões autorais, enquanto a tradução seria um trabalho derivado, baseado em uma obra de autoria original. Por outro lado, muitos autores encaram as adaptações como deturpações, distorções ou simplificações, que alteram o sentido ou a forma do original, opondo-as às traduções que os preservariam. As atitudes são, assim discordantes, pois ao mesmo tempo em que se concebe a adaptação como um processo positivo, que envolve criação, é também visto como ilegítimo, por modificar o texto original. Neste trabalho examino, em textos sobre a história na tradução, como esses dois processos foram abordados em diferentes épocas, por diferentes autores. Saliento que processos muito diferentes, em várias fases da história, foram chamados de "tradução", que o uso dos termos tradução, adaptação, versão, imitação, empréstimo, naturalização, domesticação entrecruzam-se e diferentes sentidos lhes são atribuídos. Argumento que isso se deve a questões relacionadas a concepções de fidelidade e de tradução.

A MODALIDADE DE TRADUÇÃO LITERAL E O CONTEXTO DE CHEGADA

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 31

Patrícia DIAS REIS (PG-UNESP/S J do Rio Preto)

A pesquisa propõe um estudo descritivo-comparativo sobre textos de partida e textos de chegada na área da Medicina, na direção português ? inglês. O *corpus* utilizado nessa pesquisa constituiu-se de *abstracts* de dissertações de mestrado e teses de doutoramento na referida área, realizados no intervalo de vinte anos, ou seja de 1980 a 2000. A aplicação do modelo Aubert (1984, 1997, 1998) das modalidades de tradução em textos médicos resultou em algumas questões sobre a definição da modalidade de tradução literal. De acordo com a literatura, essa modalidade poderá ocorrer quando, comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, observarmos " (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as 'mesmas' categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlíngüísticos, (...)" (1998, p.106). No entanto, a identificação de determinados "sinônimos interlingüísticos" pode variar consideravelmente de acordo com o contexto de chegada, que, no caso, é a comunidade médica. Outro fator relevante para essa dificuldade é a inexistência de sinônimos perfeitos, visto que as línguas envolvidas representam diferentes visões de mundo. Considerando-se essas variáveis, esperamos verificar as conseqüências dessa proposta de reformulação para o estudo referido, em contraste com o método tradicional de levantamento das modalidades de tradução.

A TRADUÇÃO DE TEXTOS TÉCNICOS E JORNALÍSTICOS

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 31

Diva Cardoso de CAMARGO (UNESP)

Para medir o grau de proximidade/distância na tradução de textos técnicos e jornalísticos, a investigação, na relação inglês→português, conta com 6.000 itens lexicais, selecionados aleatoriamente em doze textos de partida. Para o levantamento de dados, adotou-se o modelo Aubert (1984; 1998); para a comparação dos córpus, realizaram-se dois níveis de cálculo estatístico: distribuição absoluta e relativa das modalidades de tradução e testes de homogeneidade, para verificar a existência de diferenças quantitativas significantes nos dois tipos de texto. Comparando os seis textos técnicos com os seis textos jornalísticos, observa-se que a *tradução literal* é a modalidade que se destaca pela maior freqüência, com 39,6% e 45,3%, respectivamente. Apresenta-se a segunda ocorrência com a *transposição,* com 29,2% e 26,5%, respectivamente. Conclui-se, então, que duas são as categorias básicas empregadas, correspondendo a mais da metade da extensão relativa entre as modalidades tradutórias. Em terceiro lugar, tem-se a *modulação,* com 14,0% e 13,2%, respectivamente. Como era de se esperar, as amostras dos textos técnicos parecem solicitar dos tradutores um emprego acentuado da tradução literal e menos uso da modulação, na medida em que se supõe ocorrer a utilização de uma terminologia específica e uma linguagem mais previsível. Contrariamente ao esperado, o texto jornalístico apresenta um menor emprego da modulação, levando a supor que o tradutor de jornais e revistas, em virtude de sofrer pressões de prazos mais exíguos do que os demais, não disporia de tempo suficiente para uma maior elaboração do texto. Por sua vez, os testes de homogeneidade confirmaram, nos dois córpus, os resultados obtidos no primeiro nível de comparação.

A PRÁTICA DA TRADUÇÃO DE TEXTOS DO GÊNERO JORNALÍSTICO: A PRODUÇÃO IDEOLOGICAMENTE MARCADA DO TRADUTOR

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 31

Marileide Dias ESQUEDA (PG-UNICAMP)

Os tradutores de textos do gênero jornalístico, concentram-se, ao longo de sua produção tradutória, nas especificidades do gênero, com o objetivo de manter uma linguagem sintética, chamativa e por vezes até apelativa, dando início ao processamento de informações do âmbito internacional para o nacional. A partir de uma concepção que revela a tradução como um acontecimento vinculado aos interesses daquele que traduz, pretendo discutir como o tradutor, ao desempenhar o papel de transformador de significados, inevitavelmente apresenta sua posição ideológica, julgando, lendo criticamente e construindo suas próprias expectativas sobre o texto a ser traduzido. Abordarei neste trabalho questões importantes que podem, eventualmente, interessar ao aprendiz de tradutor ou a docentes de prática da tradução jornalística, no que dizem respeito ao fato de como lidar com as especificidades da tradução que norteiam o gênero jornalístico, seja de jornais, revistas ou de quaisquer materiais de circulação periódica, sobre os quais o tradutor assume um papel importante na legitimação da informação e na construção da opinião pública. Minha intenção é tratar de especificidades de ordem lexical que, com base em minha experiência como professora de prática de tradução jornalística, envolvem o processo de produção da tradução de textos desse gênero.

A TRADUÇÃO POÉTICA E SEUS ELEMENTOS BÁSICOS

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 31

Maria Helena de QUEIROZ (UEMS/PG UNESP/Assis)

O problema da tradução tem preocupado aqueles que se envolvem em passar para o seu idioma um texto estrangeiro. Por não existir um tratamento teórico sistemático, nem regras, receitas e artifícios que ensinem a realizar uma boa tradução, o assunto torna-se bastante polêmico. Sabe-se que, ao contrário de um processo meramente mecânico, a tradução consiste em atividade "seletiva e reflexiva", por menor e mais simples que pareça. Os que apreciam a arte de traduzir apontam para a especifidade do texto poético, afinal, não são poucos os elementos que os distinguem da prosa. Forma, métrica, rima, ritmo, aliteração etc., são aqueles que se apresentam em primeiro plano. Deve-se levar em conta, ainda, " a polissemia, a gramática, os jogos de equivalências fônicas, sintáticas, semânticas" e o estilo. O propósito deste trabalho é estabelecer um confronto entre o poema *Recueillement*, de Charles Baudelaire, e quatro traduções distintas do mesmo texto. Valendo-se desse cotejo, que consiste em exercício bastante útil para aquele que deseja aprimorar-se nesse ofício, pretende-se ressaltar alguns elementos enriquecedores na atividade tradutora. As traduções utilizadas são as de Jamil Almansur Haddad, Ivan Junqueira, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Guilherme de Almeida.

RETRATO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: "O PORTUGUÊS SÃO DOIS; O OUTRO, MISTÉRIO"

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 32

Isaac FERREIRA (PG – 1ª CRE/UFSC)

Este artigo é parte de uma pesquisa para obtenção do título de Mestre realizada em escolas da rede pública do estado de Santa Catarina, mais precisamente na grande Florianópolis, e aborda como o professor do Ensino Fundamental, envolvido em ministrar aulas de Língua portuguesa nas séries iniciais, recebe seu aluno e desenvolve a ação pedagógica diária. Na primeira parte, "Retrato da nossa realidade: O Português são dois; o outro, mistério", abordamos a concepção de linguagem, gramática e ensino que permeiam o fazer pedagógico desses professores e como eles lançam seu olhar sobre o aluno. Na segunda parte, "Retrato de um bimestre letivo: Figuras de gramática esquipáticas...", descrevemos o que observamos "in loco" em algumas salas de aula durante um bimestre letivo bem como a respectiva análise do trabalho pedagógico realizado. Na terceira parte, "Retrato da avaliação: O professor Carlos Góis, ele é quem sabe...", analisamos, a partir de instrumentos de avaliação empregados pelos professores, como se dá o processo de avaliação da aprendizagem do aluno em relação à linguagem e, concluindo, fazemos a análise do que foi constatado por meio de um suporte teórico ancorado em uma perspectiva de ensino-aprendizagem sócio-interacionista, privilegiando o ensino produtivo e uma concepção de linguagem que perceba o fenômeno como forma de interação.

ENSINO DE PORTUGUÊS: EMPREGO DOS TEMPOS VERBAIS

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 32

Vânia dos Reis RODRIGUES (PG – UFMS)
Marlene DURIGAN (UFMS)

Em nossa tradição gramatical, a categoria temporal dos verbos tem sido analisada como um conjunto de elementos absolutos que remetem o discurso a fatos presentes, passados ou futuros, sem que se abordem os vínculos entre a expressão verbal e as características do enunciado e da enunciação, entre o tempo, a modalidade e o aspecto. Partindo do pressuposto de que os tempos são lingüisticamente indissociáveis do modo e semanticamente vinculados às duas noções aspectuais básicas (perfectividade e imperfectividade), além de terem como ponto de referência o presente da enunciação, este trabalho aborda aspectos relativos ao emprego dos tempos verbais simples e compostos, nas vozes ativa e passiva, destacando sua funcionalidade na produção e na leitura de textos e seus vínculos com as quatro modalidades tradicionalmente concebidas – alética (que se refere ao eixo da existência), epistêmica (que diz respeito às condições de verdade dos enunciados, situando-se no eixo da crença), deôntica (que remete ao eixo da conduta e à linguagem das normas) e axiológica (que se vincula à produção de juízos de valor). O córpus constitui-se de enunciados coletados nas revistas **IstoÉ** e **Veja**, os quais são analisados à luz de contribuições de NEVES (2000), GREIMAS (1976), PINTO (1994), PERELMAN (1999) e DURIGAN (1991). Os resultados da análise são apresentados na forma quadros, em que são arroladas diferentes significações temporais, modais e aspectuais (presentes/ ausentes) de cada um dos tempos do verbo, com a finalidade de completar lacunas existentes nas gramáticas normativas e, assim, favorecer o ensino desta categoria.

A MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO E O ENSINO DE "CLASSES DE PALAVRAS" EM LIVROS DIDÁTICOS PARA 5ª SÉRIE

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 32

Roseli Hilsdorf Dias RODRIGUES (UNITAU) – (PG USP)

Os resultados apresentados neste trabalho fazem parte de uma pesquisa concluída em 1999 subsidiária de minha dissertação de mestrado. O objetivo da pesquisa foi investigar o tipo de ensino de gramática predominante nas aulas de língua portuguesa de 5ª série (3º ciclo do ensino fundamental). Para isso, foram analisados 12 livros didáticos de Português dentre os 28 relacionados no *Manual para indicação dos livros didáticos e módulos paradidáticos: Programa Nacional do Livro Didático* (1997). O texto da *Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa – I grau*, elaborado pela CENP (SEESP, 1992) foi tomado como um documento que fornece, pelo menos, um parâmetro para sabermos o que os órgãos governamentais desse Estado esperam dos professores de sua rede quanto ao estabelecimento dos principais objetivos do ensino de língua portuguesa. Os resultados referentes ao conteúdo "classes de palavras" mostram que a maior parte das atividades de gramática propostas nesses livros privilegia sobremaneira esse conteúdo. As habilidades exigidas dos alunos nessas atividades compreendem identificar e classificar, diretamente relacionadas ao domínio da metalinguagem da gramática normativa. Completar e copiar também aparecem com bastante freqüência. O tratamento dado ao tema, em geral, caracteriza uma concepção prescritivo-normativa de ensino de língua portuguesa. Na *Proposta curricular*, o item "classes de palavras" não consta da relação de conteúdos recomendados para a 5ª série. O que parece estranho é que os livros didáticos venham determinando quais os conteúdos e em que momento devem ser trabalhados nas aulas de língua portuguesa em nosso país.

COMO SE TRABALHA GRAMÁTICA NO ENSINO MÉDIO

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 32

Liliam Maria Bresciani HEINEN (PG-UEM-Fafiuv)

Realização de uma pesquisa investigativa, para conhecer a atual situação do ensino de gramática, no Ensino Médio, nos municípios de União da Vitória(PR) e Porto União(SC), em escolas estaduais da área urbana. Foram distribuídos questionários a dez professores de Língua Portuguesa, com as seguintes questões: a) Como você define gramática? b) Considera importante e essencial o ensino de gramática no Ensino Médio? c) Quais as fontes utilizadas para suas aulas, buscando apoio para a parte gramatical?
d) Você tem liberdade para selecionar os conteúdos gramaticais para sua classe? Como faz isso? Há preocupação com os conteúdos estabelecidos pelas Secretarias Estaduais? A partir das dez respostas, concluímos que: a) Os professores buscam a definição de gramática nos compêndios das gramáticas ditas pedagógicas. b) Consideram importante o ensino de gramática, dizendo que este conhecimento é essencial para a comunicação e bom uso da língua. c) Os livros utilizados são as Gramáticas oferecidas pelas editoras ou livros didáticos enviados pelo MEC. Quanto à questão da liberdade para selecionar os conteúdos, a partir da realidade de seus alunos, 80% responderam que há liberdade para seleção dos conteúdos gramaticais e 20% ainda seguem os conteúdos pré-estabelecidos pelas Secretarias de Estado. Evidenciou-se a necessidade de mais preparo por parte da maioria dos professores para a verdadeira prática de análise lingüística, buscando a gramática para sanar os problemas. As publicações de nossos lingüistas, em Lingüística Aplicada, objetivando a melhoria do ensino de língua materna, deveriam ser os verdadeiros manuais para a prática pedagógica O ensino de gramática está na pessoa do professor que, estando preparado, conseguirá transformar a prática pedagógica, levando seus alunos a se tornarem verdadeiros "pesquisadores" e possuidores do domínio da norma padrão, tão solicitada aos cidadãos de uma sociedade em constante mudança.

APRENDIZADO DE MÁQUINA SEGUNDO REGRAS LINGÜÍSTICAS: UMA APROXIMAÇÃO À AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTO EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 32

Fabio Valverde Rodrigues BASTOS FILHO (PUC/SP, UPM, PG-EPUSP)

São diversos os métodos computacionais que vêm sendo pesquisados com o objetivo se implementar a capacidade de aprendizado de máquinas (AM) dentro da Inteligência Artificial. A aquisição de conhecimento pela máquina não se produz mais, em época atual, unicamente por meio da inserção de informação através de texto, mas também através de texto; outras modalidades incluem hipertexto, imagens, sons e diversas respostas sensoriais, que levam ao aprendizado e à evolução do conhecimento, o que altera de maneira significativa os paradigmas e estratégias de AM. Alguns métodos podem ser analisados a partir dos modelos psicolingüísticos relatados por Van Dijk (1992). O presente trabalho avalia o conhecimento da máquina adquirido por regras de programação utilizadas em lógica difusa, algoritmos genéticos, KBS (knowledge-based systems) e outros, relacionando-os ao modelo cognitivo de compreensão e produção de discurso oral e não-oral. São abordadas as estratégias de coerência local, considerando as informações procedentes da interação complexa dos níveis sintático / semântico operando com o modelo estratégico.

O MULTICULTURALISMO EM UMA ANÁLISE CURRICULAR: REPENSANDO OS REFERENTES DE RECONSTRUÇÃO

24 – 14h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 33

Kátia Costa dos SANTOS (PG-USP)

A presente comunicação pretende refletir sobre alguns questionamentos advindos de uma pesquisa de doutorado, que objetiva a análise de um programa multicultural implantado em uma escola particular, de 1° e 2° graus, localizada na cidade de São Paulo. Nas últimas duas décadas a pedagogia crítica tem se estruturado e tem desenvolvido novas linguagens teóricas e modos de crítica para mostrar como as políticas de significação operam na experiência de vida das pessoas, enfatizando o papel que a língua e a representação desempenham na construção das relações sociais, culturais e institucionais onde os signos são gerados. O contexto escolar é visto como um complexo de culturas dominantes e subordinadas, cada uma ideologicamente ligada ao poder que possui em definir e legitimar uma construção particular da realidade. Com essa preocupação, a pedagogia crítica tem buscado interrogar a escola em seu currículo e formação de professores, ampliando discussões, dentre outros temas, sobre as diferentes culturas na e da escola, as relações que silenciam ou estereotipam identidades a partir de determinantes de gênero, etnia, classe social, raça, padrões lingüísticos e culturais, etc. Entretanto, questionar a construção multicultural no contexto das escolas brasileiras, sob a perspectiva de uma "linguagem de possibilidade" (Giroux, 1999), implica em uma postura que precisa ir além da descrição e crítica. Precisa estimular a reflexão sobre a formulação de abordagens teóricas e práticas alternativas, que visem a construção de escolas que se reconheçam como agentes de construção social que interrogam interesses, ideologias e práticas sociais. É sobre essa incongruência que parte dessa pesquisa dispõe-se a discorrer.

ENCONTROS E DESENCONTROS NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE LETRAS

24 – 14h30 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 33

Cristina Valéria Bulhões SIMON (UEL)

Este texto pretende abordar a questão da formação do futuro professor de língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa no que diz respeito à distância entre informações recebidas/adquiridas e o seu desempenho acadêmico e, conseqüentemente, profissional. É relativamente comum encontrarmos, nos cursos de Letras, alunos com sérias dificuldades em leitura, produção de textos e análise lingüística, o que torna, no mínimo, preocupante o seu futuro enquanto professor dessas unidades. Parece haver uma enorme lacuna entre o que viu nas disciplinas teóricas e a sua prática de usuário de língua materna. Acreditamos que o sucesso no desempenho de sua função de professor de língua portuguesa e de literatura passe necessariamente pela sua proficiência lingüística, além, é claro, pelos conhecimentos acumulados e sua formação interdisciplinar. Das séries iniciais até o nível médio, muito se tem criticado o ensino da metalinguagem em detrimento de um ensino lingüístico que privilegie as instâncias de uso efetivo da língua, uma vez que a preocupação excessiva com a nomenclatura termina por reduzir uma capacidade natural para a reflexão, com realce para a análise do funcionamento da língua, de sua gramática. Quanto à literatura, também ocorrem equívocos que dizem respeito à crença num conhecimento pautado pelo acúmulo de informações irrelevantes. Assim, este trabalho tentará discutir esses encontros e desencontros na formação do estudante de Letras a fim de verificar o que se pode fazer para minimizar o problema e passarmos a ter um número maior de profissionais competentes lingüisticamente no mercado.

INTERFACES DA AVALIAÇÃO: A UNIVERSIDADE NA PERCEPÇÃO DO GRADUANDO

24 – 15h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 33

Maria Suely CROCCI DE SOUZA (Universidade de Ribeirão Preto)

Buscou-se verificar alguns aspectos do perfil do egresso do curso de Letras da Universidade de Ribeirão Preto e sua percepção do curso, com base nas respostas dadas ao questionário-pesquisa aplicado pelo INEP durante o Exame Nacional de Cursos. A aplicação do questionário em 1998, 1999 e 2000 permitiu detectar mudanças e evoluções nesse perfil dentro da própria instituição. Por outro lado, a comparação dos resultados com o relatório-síntese apresentado pelo INEP possibilitou identificar características próprias – forças e fragilidades — desta instituição em contraste com as demais. Observaram-se evoluções em relação ao uso de tecnologias, nível de proficiência em língua estrangeira e nível sócio-econômico dos graduandos. Foi percebida a necessidade de maior investida na pesquisa científica e o melhor aproveitamento do livro-texto e dos recursos da biblioteca em sala de aula. O resultado mostrou que a análise da percepção do graduando é importante para a avaliação das condições de ensino do curso e para o planejamento de ações na busca da melhoria de sua qualidade, devendo ser incorporada como um dos componentes da avaliação institucional.

ORIGEM DAS INFORMAÇÕES EM REDAÇÕES DO VESTIBULAR: RELAÇÕES INTER E INTRADISCIPLINARES

24 – 15h30 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 33

Renilson José MENEGASSI (UEM)
Marilurdes ZANINI (UEM)

Nesta comunicação, examinam-se a origem e a qualidade das informações apresentadas, em redações dissertativas produzidas em situação de concurso vestibular. As informações apresentadas oscilam entre informações novas, provenientes do conhecimento de mundo do candidato - processo interdisciplinar, e informações parafrásticas, oriundas do texto de apoio oferecido como estímulo para a produção. Ainda uma terceira opção pode acontecer: a apresentação de informações advindas de questões oferecidas nas provas de Geografia e História, que acontecem concomitante à aplicação da prova de Redação, envolvendo, assim, um processo intradisciplinar entre as provas do referido concurso. Os critérios de escolha adotados pelo candidato, no momento de planejamento e seleção das informações, comprometem sua performance discursivo-argumentativa e, conseqüentemente, a eficiência pragmática concretizada na elaboração de seu texto. Aqui, são, pois, discutidos os resultados de análises sobre o nível de informações exposto nas redações, principalmente a origem dessas informações, atendo-se ao processo interdisciplinar citado.

A INFORMA ATIVIDADE EM REDAÇOES DISSERTATIVAS DE VESTIBULAR

24 – 16h00 – Estacionamento - Bloco 04 - Sala 33

Ruth Ceccon BARREIROS (UNIOESTE/PG. UEM)

Esse trabalho pretende refletir sobre como ocorre a organização das idéias e dos elementos lingüísticos por ocasião da elaboração de um texto dissertativo em situação de concurso vestibular. Essa reflexão resultou do pressuposto de que, ao término do ensino médio, os alunos apresentam algumas dificuldades na elaboração da composição textual escrita. Como forma de verificar esse aprendizado, analisaram-se as redações melhores pontuadas, do Concurso Vestibular de Verão/2000, da Universidade Estadual de Maringá. Buscou-se avaliar o grau de informatividade dessas redações, bem como, alguns aspectos da coesão e coerência, tendo em vista que esses fatores influenciam diretamente a apresentação das informações na atividade escrita. Nesta pesquisa, entende-se a informatividade como a habilidade de o candidato surpreender o leitor, com informações não previsíveis. Essas novas informações não devem constar do texto de apoio, ao qual o candidato tem como ponto de partida para a elaboração do seu texto, ou seja, espera-se que apresente outras provindas de seu conhecimento de mundo. O trabalho teve o embasamento teórico nas meta-regras propostas por Charolles e, ainda, nas ordens de informatividade propostas por Beaugrande e Dressler. Os resultados nos levaram a perceber que o ensino-aprendizagem relacionados à produção textual, nos primeiros graus de ensino, apresentam progressos, mas, as dificuldades de articulação das informações no texto ainda existem e podemos atribuí-las à pouca intimidade dos alunos com as regras de coesão e coerência, assim como, a falta de hábito de leitura e escrita.